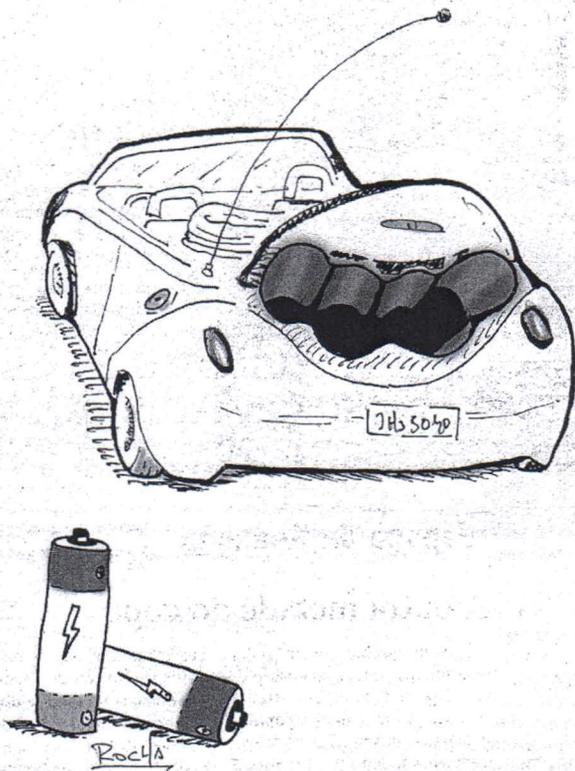


Editorial

Política energética para veículos



Uma decisão do governo federal causou estranheza no começo desta semana: o cancelamento - minutos antes do início - de cerimônia em que deveria ocorrer o lançamento do programa de incentivo à produção do carro elétrico no Brasil. Para um auditório lotado de empresários e jornalistas, a justificativa foi de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva teria perdido mais tempo para conhecer a proposta.

O objetivo do Ministério da Fazenda é, assim como já ocorre com eletrodomésticos, oferecer redução de impostos a automóveis consumidores de menos energia. Ou seja, o governo pretende viabilizar o carro elétrico no Brasil.

O plano de desenvolvimento do veículo teria as seguintes linhas de atuação: redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para este tipo de automóvel, de forma gradual para evitar aumento de importações; maiores investimentos em pesquisa e desenvolvimento, com a criação de um centro de tecnologia automotiva semelhante ao da Embrapa na agropecuária; usar as compras governamentais para criar demanda pelos veículos híbridos e incluir essa tecnologia no planejamento energético nacional, com soluções para atender à nova demanda.

E talvez seja este último ponto a principal explicação para o cancelamento do anúncio do programa. Em-

bora estudos de Itaipu indiquem que se 10% dos carros brasileiros fossem elétricos a demanda adicional de energia chegaria a 0,2%, seria necessário estabelecer uma rede de pontos de abastecimento com voltagem superior a 220 volts. Mesmo que o crescimento do consumo estimado seja pequeno, a proposta ainda está muito incipiente neste aspecto.

Obviamente o Brasil tem mostrado que pode desenvolver uma tecnologia inédita de veículos híbridos utilizando biocombustíveis em vez de gasolina, juntamente com as baterias elétricas. Assim como é certo corrigir o paradoxo e reduzir imposto para viabilizar esse novo modelo de carro nacional. Até porque o IPI sobre elétricos está na faixa de 25% do valor do veículo, percentual bem maior que a alíquota de 12% incidente sobre automóveis convencionais.

Contudo, parece que a decisão do presidente Lula foi acertada. Esta é de fato uma realidade que precisa ser aprofundada, concorda a própria Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), pois o caminho que foi escolhido agora é aquele a ser seguido pelos próximos 50 anos. Afinal, com o programa do carro elétrico o governo federal estabelecerá, de vez, uma política energética para os veículos do país. E isso não é pouco. Por isso, os estudos devem ser ampliados e melhor analisados.

Artigo

Antonio Heberle,
pesquisador, Embrapa Clima Temperado

Arthur, o homem que desenhava a ciência

O homem que desenha a ciência há seis décadas - este foi o título de um texto que preparei para o jornal Folha da Embrapa, em 2006, quando o seu Arthur completou 60 anos de desenho. É uma pequena homenagem ao meu amigo Arthur Foerstnow que reproduzo a seguir.

"A mão firme de um homem corre pela mesa de desenho, transformando o negro do nanquim nas mais belas reproduções das atividades da pesquisa agropecuária. Na redação da Área de Comunicação da Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, às vezes soa apenas o teclado dos computadores e o seu Arthur continua no desenho, ato repetido há seis décadas.

Arthur Henrique Foerstnow nasceu em Pelotas, a 9 de maio de 1929, no final da República Velha e em plena efervescência político-cultural que antecedeu a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. Arthur é esguio e na juventude foi jogador de basquete do seu clube do coração, o Brasil de Pelotas. Criança, lembra de ter visto nos céus da cidade a passagem do dirigível alemão Zeppelin. Ficou com medo, observando aquele imenso objeto no céu, que sombreou a Praça da República, hoje Coronel Pedro Osório. Nas matinês do cine 7 de abril, se misturava à gurizada que assistia aos filmes de cowboy, batia os pés no assoalho com a ação dos heróis e vivia numa cidade que tinha bondes, gás encanado e uma comunidade que vestia gala em dias comuns.

Em 1950, no mesmo momento em que o Brasil disputava a final da Copa contra o Uruguai, ele acompanhava o clássico local, Bra-Pel. Hoje é difícil falar do Arthur sem lembrar de suas façanhas e do seu jeito simples e calmo de cativar as pessoas. Há cerca de sete anos, a Unidade de Pelotas recebeu um grupo de técnicos da agência japonesa Jica, mas o que mais chamou a atenção dos cientistas japoneses foi o desenhista, pois é impossível compreender como o fino bico de pena dá vida a um

delicioso pêssego.

Foi o seu Arthur quem desenhou o brasão e a bandeira de Pelotas. Começou no tempo em que a arte gráfica tinha que ser produzida ao contrário, na pedra (litografia) para depois se transformar em positivo. Era imaginação e muita vontade e foi com esta arte que o estudante do Colégio Gonzaga, com seus 17 anos, foi lembrado para uma posição muito difícil e especializada: a litografia da famosa Livraria do Globo.

A sua ligação com o desenho na área agrícola começa em 1966, ao ser contratado pela Universidade Federal Rural do RS (hoje UFPel) e depois pela Emater do Pará. Em 1979 ele passou para a Embrapa em Brasília, começando uma história invejável no desenho agrícola brasileiro. São milhares de capas de livros, periódicos, cartazes, ilustrações de todos os tipos e formatos. Sua história está marcada pelas publicações que ilustra e a Embrapa está marcada pelo traço dos desenhos do seu Arthur que, aposentado em 1981, foi recontratado e já está quase com o tempo para vencer mais uma aposentadoria por tempo de serviço.

Com seus 60 anos de trabalho contínuo, ele dá mostras que vai fazer uma opção difícil, aproveitando o Programa de Demissão Incentivada, PDI, da Embrapa. Para nós que conhecemos esse homem de rotina impecável, só esperando para ver. O certo é que ele está se preparando para uma fase diferente, mas nem de perto se pode falar que o seu Arthur vai parar. Para um jovem que assinou a carteira com 17 anos, viu passar o Zeppelin e continuava com a mesma disposição, desenhando a vida, a palavra de ordem é sempre: "E daí, o que vai ser pra hoje...".

Em 2007 o seu Arthur se aposentou pela segunda vez e nos deixou recentemente. Para nós, fica uma marca para sempre, gravada com a simplicidade de um fino e esguio traço que jamais esqueceremos.

Instantâneos

Jandir Barreto,
jornalista

Fotonotícia flagra infração

O Diário Popular mostrou, na edição do dia 25 de maio, na página 5, a fotonotícia de uma infração de trânsito comum em nossas ruas: um veículo estacionado na área central sem condições de ser manobrado por falta de espaço para tal. Aquela infração está prevista no Código de Trânsito Brasileiro, lei nº 9.503, de 23/9/1997, Artigo 181 - Estacionar o veículo: X - impedindo a movimentação de outro veículo. Infração: média, penalidade: multa, medida administrativa: remoção do veículo.

O interessante é que quando denunciada irregularidade nas ruas de Pelotas, a autoridade de trânsito confessou desconhecer a lei. Mas, de imediato, contactou - via telefone - com aquele que considera o

experto em legislação na SSTT. Logo em seguida veio a resposta, que me surpreendeu. O experto também desconhecia a lei. Diante do que se vê nas ruas, e a fotonotícia do DP comprova que a violação da lei continua, é fácil perceber que o alerta não foi levado em conta.

Por isso, não estranhe se o seu veículo continuar "preso" nas ruas de Pelotas, sem condições de ser manobrado. O que preocupa é que este pessoal continua nas ruas distribuindo multas, sem tomar o cuidado de deixar cópia para que o motorista possa imediatamente fazer sua defesa. Diante do desconhecimento da legislação, os supostos expertos correm o risco de ver a multa ser contestada na hora.

O Diário Popular não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados. Solicitamos aos leitores que escrevem para o Instantâneos que limitem seus textos entre 15 e 35 linhas. O Diário Popular se reserva o direito de resumir os conteúdos maiores do que o determinado para efeito de publicação. Os autores devem ter firma reconhecida na forma da lei.